

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

CLARISSA PATRÍCIO CARVALHO

**ELEMENTOS DO VITORIANISMO EM *NÃO ME ABANDONE
JAMAIS*, DE KAZUO ISHIGURO**

UBERLÂNDIA
2023

CLARISSA PATRÍCIO CARVALHO

**ELEMENTOS DO VITORIANISMO EM *NÃO ME ABANDONE
JAMAIS*, DE KAZUO ISHIGURO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para a obtenção de grau de licenciada em Letras – Inglês e Literaturas de Língua Inglesa - Instituto de Letras e Linguística (ILEEL).

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Sylvestre

UBERLÂNDIA
2023

AGRADECIMENTOS

A jornada da terceira graduação foi longa. Por muitas vezes, pensei: "o que estou fazendo na faculdade, mais uma vez?" ou "um terceiro diploma vale mesmo a pena a essa altura da vida?", mas sempre a resposta era sim. Parte disso, porque estudar Letras é mesmo o que eu sempre quis. A outra parte, é porque tive ao meu lado pessoas muito importantes, que contribuíram imensamente para minha formação.

Gostaria, então, de agradecer primeiro à minha mãe, Mara, minha maior incentivadora e o grande exemplo que tenho na arte de lecionar. Sou grata ainda à minha família, namorado e amigos, pelo apoio constante e por sempre acreditarem em mim.

Meus agradecimentos também são direcionados aos professores do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Cada um teve um papel muito importante para minha formação profissional e pessoal, mas cito, em especial, minha orientadora neste Trabalho de Conclusão de Curso, Prof. Dra. Fernanda Aquino Sylvestre, uma inspiração que sempre levarei comigo por ter uma postura tão admirável dentro de sala de aula; Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro, que me acolheu em todos os momentos de dificuldade e nunca deixou de me encorajar; Prof. Dr. Rafael Matiello, com quem sempre pude contar quando deixei de acreditar em minhas habilidades, Prof. Dra. Flávia Benfatti, sempre disposta a compartilhar conhecimentos valiosos e a ouvir o que temos a oferecer, e Prof. Dra. Cynthia Beatrice Costa, referência no domínio de conteúdo e na capacidade de conduzir aulas envolventes e inesquecíveis.

Aqui, encerra-se mais uma etapa da minha vida acadêmica. Sou grata por ter persistido, porque, enfim, me encontrei.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar, brevemente, elementos Vitorianos presentes na obra de ficção científica *Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro. Embora as épocas se distanciem, a literatura de Ishiguro resgata recursos literários do passado para constituir uma narrativa atual, com importantes questionamentos sociais que guiam o leitor por um caminho de reflexão a respeito da condição dos personagens principais, clones. Sendo assim, estabelecer a percepção sobre tais manifestações permite uma leitura mais aprofundada e consciente da obra, e ainda contribui para que sua mensagem seja atemporal.

Palavras-chave: Vitorianismo. Ficção Científica. Kazuo Ishiguro.

ABSTRACT

The aim of this article is to identify and analyze briefly Victorian elements present in the science fiction book *Never let me go*, by Kazuo Ishiguro. Although the eras are far apart, Ishiguro's literature rescues literary resources from the past to constitute a current narrative, with important social questions that guide the reader through a path of reflection regarding the condition of the main characters, clones. Therefore, establishing the perception of such manifestations allows for a more in-depth and conscious reading of the book, and also contributes to making its message timeless.

Keywords: Victorianism. Science Fiction. Kazuo Ishiguro.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. O DUPLO E SUAS MANIFESTAÇÕES	9
3. AS REPRESENTAÇÕES DO GÓTICO.....	13
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
5. REFERÊNCIAS	17

1. INTRODUÇÃO

Nascido no Japão, Kazuo Ishiguro está entre os principais autores contemporâneos que escrevem em Língua Inglesa. Seu primeiro romance, *Uma pálida visão dos montes* (1982), marcou sua decisão de se tornar oficialmente um cidadão britânico, apesar de viver na Inglaterra desde os cinco anos de idade. Em 2017, Ishiguro recebeu o prêmio Nobel de Literatura, reconhecimento pelo conjunto de suas obras, que inclui *Os vestígios do dia* (1989) e *Não me abandone jamais* (2005), objeto de estudo do presente trabalho.

No romance que se passa em uma Inglaterra ficcional, no fim da década de 1990, a protagonista Kathy H. narra os acontecimentos em primeira pessoa. Ela é uma cuidadora, que espera, em breve, se tornar uma doadora. O significado de ambos os termos é revelado somente na página 103 da obra, na qual o autor esclarece que os personagens são clones desenvolvidos para serem doadores de órgãos. A função de cuidador é dada para aqueles que tomam conta dos doadores e auxiliam em sua recuperação depois dos procedimentos de doação, até que estejam prontos para assumir o mesmo papel.

À época da história, Kathy H. é cuidadora por quase doze anos, e a narrativa segue o curso de suas memórias. Ela apresenta ao leitor os professores do internato no qual vivia, Hailsham, conhecidos como guardiões. Por lá, os alunos produzem obras de arte para expressarem sua essência, e cumprem atividades obrigatórias, como trabalhar em uma horta, além de seguirem regras rígidas, que incluem não fumar e não deixar Hailsham sem autorização.

O leitor também se depara com as figuras de Ruth e Tommy, com quem Kathy desenvolve uma estreita amizade. Quando criança, Tommy é intimidado por outros alunos, e Kathy passa a ter uma afeição especial por ele. Entretanto, enquanto adulto, ele mantém um relacionamento com Ruth, o que estremece o convívio dos três.

Diante de conflitos pessoais, Kathy, Ruth e Tommy descobrem que são clones, o que amplia as discussões acerca de questões profundas, como quem são seus "originais", ou seja, a partir de quem eles foram clonados, e o verdadeiro propósito da doação de órgãos realizadas pelos clones. Na medida em que os clones doam seus órgãos, enfraquecem, e morrem, e é o que acontece com Ruth. Kathy e Tommy têm a oportunidade de ficarem juntos, algo antes impedido propositalmente por Ruth, mas o tempo dele está esgotado e em breve ele não poderá mais doar.

Os personagens descobrem que, na verdade, foram criados como um experimento, e que esse experimento falhou. Por esse motivo, o internato Hailsham foi fechado. O romance termina após a "conclusão" de Tommy, ou seja, sua morte depois de fazer tantas doações quanto possíveis, e Kathy dirige até Norfolk em meio a lembranças do passado e lamentações sobre tudo o que perdeu.

O título *Não me abandone jamais* vem de uma música que Kathy ouviu repetidamente ao longo de sua vida. Ela comprou a fita cassete com a canção em um bazar de Hailsham, e sempre que se sentia sozinha, colocava a música para tocar e dançar ao som do refrão que dizia "*baby, never let me go*", ou "não me abandone jamais", na tradução para o português. A ligação com a música e como o som a acompanha durante toda a história é uma representação marcante da luta central de Kathy, que precisa se decidir sobre o que quer manter em sua vida, e o que pode abandonar quando sua missão de doadora não se concretiza e ela prossegue continuamente como uma cuidadora: no fim, ela decide nunca abandonar suas memórias.

A obra, com sua discussão principal sobre clones e a ética na ciência, pode ser classificada como um romance distópico de ficção científica. Mas, mesmo que apresente tantos elementos atuais e futurísticos, ainda assim conta com a presença do passado na construção de cenários, personagens e da própria narrativa: é possível encontrar ao longo do livro diversas associações com o Vitorianismo.

Segundo SANTANA (2016), o Período Vitoriano engloba os 64 anos de reinado da Rainha Vitória na Inglaterra, época de desenvolvimento expressivo por causa da Segunda Revolução Industrial, na ampliação de ferrovias e portos, e da estruturação política e econômica do país dentro do cenário mundial. Por isso, a literatura Vitoriana, seja na prosa ou na poesia, apesar de ter um viés moralista e engessado no início, também começa a se arriscar na crítica à sociedade, e ainda utiliza aparato da literatura do século anterior em suas produções, como a ficção gótica. As referências da época ainda reverberam na literatura atual, inclusive na ficção científica, que conta com momentos de crítica à sociedade, e com o uso do fantástico para construir suas ambientações e narrativas.

Sendo assim, a proposta deste trabalho é analisar a presença de elementos Vitorianos na obra *Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro. Para este trabalho, dois elementos em particular ganham destaque: o duplo e o gótico, analisados à luz de teorias

como as de FREUD (1976) e CARTWRIGHT (2005), além de pesquisas de apoio realizadas por FURTADO (2011), SOARES (2019), entre outros.

A obra é a materialização de como passado e futuro se cruzam, para levantar questionamentos ainda atuais. Contudo, a intenção não é comparar épocas ou distanciar os recursos usados pelo autor ou os caminhos tomados em sua narrativa, mas evidenciar como eles se cruzam e resultam em uma mensagem coerente, que leva à reflexão, e que faz com que *Não me abandone jamais* seja atemporal.

2. O DUPLO E SUAS MANIFESTAÇÕES

Um dos pontos centrais da trama de *Não me abandone jamais* é a clonagem. Os clones, na história, são criados para atuar como doadores de órgãos, mas, apesar de terem um destino pré-determinado, ainda assim são educados em colégios internos e têm contato constante com arte e cultura, como se essa fosse uma forma de oferecer a eles uma vida melhor e mais completa, que fizesse sentido. Além disso, sua saúde estava sempre em primeiro lugar: exames médicos semanais eram realizados para assegurar o bom funcionamento do organismo e a preparação para a doação.

A princípio, os estudantes do internato Hailsham não tinham um amplo conhecimento a respeito de sua condição. Entretanto, essa situação muda quando uma nova guardiã, denominação dada aos professores, chega. Miss Lucy, de certa forma, não se conformava com a falta de informação repassada a eles, e, com a intenção de aconselhar para que aproveitem melhor a vida que resta, fala a verdade

Se vocês querem ter uma vida decente, então é preciso que saibam, e que saibam direitinho. Nenhum de vocês irá para os Estados Unidos, nenhum de vocês será ator de cinema. [...] Suas vidas já foram mapeadas. Vocês se tornarão adultos e, antes de ficarem velhos, antes mesmo de entrarem na meia-idade, começarão a doar órgãos vitais. Foi para isso que todos vocês foram criados. Vocês não são como os atores que veem nos vídeos, não são nem mesmo como eu. Vocês foram trazidos a este mundo com um fim, e o futuro de vocês, de todos vocês, já está decidido (ISHIGURO, 2005, p.71)

Por causa de sua atitude, Miss Lucy é demitida, mas neste ponto o cenário se torna irreversível. Alguns jovens começam a repensar a respeito de sua situação, e muitos se questionam sobre suas características físicas e pessoais. Será que foram herdadas de seus "originais", ou "possíveis", como também são chamados? Quando começam a ter

consciência de como sua vida será breve, há quem sinta vontade de ir em busca de conhecer as pessoas que cederam material genético para a clonagem.

Porém, é importante ressaltar que os "possíveis" não passam de indivíduos que estavam à margem da sociedade, e venderam seus dados genéticos para conseguir dinheiro. Os alunos estão, também, cientes disso, conforme aponta Ruth: “Todos nós sabemos. Nós somos modelados da escória. Viciados, prostitutas, alcoólatras, vagabundos. Presidiários, quem sabe, desde que não sejam tarados. É daí que a gente vem” (ISHIGURO, 2005, p. 203). Ainda assim, essa percepção não é suficiente para desanimar os estudantes mais curiosos sobre sua verdadeira origem, entre elas, a própria Ruth, e também a protagonista Kathy, que em certo momento da história questiona

A ideia básica por trás da teoria dos possíveis era muito simples e não provocava grandes divergências. Segundo ela, como todos nós havíamos sido copiados, em algum momento, de uma pessoa normal, então tinha de existir, para cada um de nós, em algum lugar, um modelo original tocando a sua vida. O que significava, ao menos em tese, que seria possível encontrar essa pessoa de quem fôramos modelados (ISHIGURO, 2005, p.115).

O romance não descreve como os clones eram criados, contudo explicita que seres humanos "originais" demonstravam certa repulsa e medo em relação aos clones. Afinal, eles representavam a materialização da existência de um outro "eu". Mesmo que se oferecesse uma certa qualidade de vida a eles dentro de Hailsham, a intenção era muito mais ter uma garantia de que os clones não se rebelariam ou se tornariam algo para além do controle dos seres humanos. Conforme Madame, personagem responsável pela produção artística dos estudantes, comenta na história

Nós levávamos seus trabalhos porque achávamos que eles revelariam a alma de vocês. Ou, para esclarecer melhor a questão, fazíamos isso para provar que vocês tinham uma alma. [...] Demonstramos para o mundo que, quando criados num ambiente humano e culto, os alunos podiam se tornar tão sensíveis e inteligentes quanto qualquer ser humano normal. Antes disso, todos os clones – ou alunos, como nós preferíamos chamá-los – existiam apenas para abastecer a ciência médica. Nos primeiros tempos, logo depois da guerra, isso era tudo que vocês representavam para a grande maioria. Objetos obscuros em tubos de ensaio [...]. (ISHIGURO, 2005, p. 209).

Diante de todos esses episódios, é possível concluir que os clones, ou seja, as cópias dos seres humanos "originais" ou "possíveis", sempre causam algum tipo de inquietação na sociedade externa e mesmo dentro da comunidade de Hailsham. Eles podem representar, de diversos modos, os conceitos de duplo e de repetição. Na teoria de

Sigmund Freud estabelecida a partir do texto *Das Unheimliche* (1919), que reúne análises sobre o efeito sobrenatural na percepção do desconhecido e do estranho, propõe que o duplo é "uma criação que data de um estágio mental muito primitivo, há muito superado", de modo que o ego expulsa essa materialização "como algo estranho a si mesmo" (FREUD apud SOARES, 2019).

Na Literatura Vitoriana, a inquietação com o duplo era uma abordagem comum à época. Em obras como *O retrato de Dorian Gray* (1890), de Oscar Wilde, e *O médico e o monstro* (1885), de Robert Louis Stevenson (1885), por exemplo, o duplo dos personagens principais se estabelece como um contraponto aos protagonistas, ou simplesmente como uma externalização de seus males e conflitos internos, conforme a proposta de Freud. Tanto Dorian Gray quanto Dr. Henry Jekyll não se reconhecem, a princípio, em seu duplo, e têm seu "original" corrompido ao final de suas histórias, uma vez que a Literatura Vitoriana muitas vezes tinha a intenção de passar, de certo modo, uma "lição de moral" aos seus leitores.

Em *Não me abandone jamais*, pode-se dizer que essa representação é um pouco mais amena. Os clones devolvem a repulsa sentida pela sociedade em relação à sua existência ao repudiarem também a possibilidade de uma origem marginalizada. Eles não gostariam, ou pelo menos não esperavam, ser derivados daqueles com tão pouco em comum, sem acesso a arte, a cultura e sem um propósito pré-determinado de contribuir com o próximo, como eles tinham.

Para completar, os clones demonstram ter curiosidade em entender quem são seus "possíveis", em busca de sua real identidade. Enquanto a grande maioria de estudantes de Hailsham não apresenta expressividade e sensibilidade quando se trata de questões que vão além dos muros do internato, aqueles que querem ir atrás de suas origens são capazes de questionar comportamentos e emoções, e se aproximam muito mais de uma "repetição" de um ser humano comum. É o caso de Kathy, que quando encontra uma revista de imagens pornográficas questiona não apenas sua sexualidade, mas sua semelhança com aquela com quem compartilha material genético, conforme mostra o excerto a seguir

Havia um monte de fotos de moças de perna aberta ou traseiro empinado. Admito que, em outras oportunidades, fotos parecidas me deixariam excitada, embora nunca tivesse sentido vontade de transar com garotas. Mas era outra coisa que eu buscava, aquela tarde. Eu folheava rapidamente a revista e não queria me distrair com os apelos do sexo que vinham das páginas ilustradas. Na verdade, mal enxergava os corpos contorcidos porque estava concentrada nos rostos. Conferia a

fisionomia de cada modelo, antes de passar adiante, inclusive as dos pequenos anúncios de vídeos e coisas do gênero, enfiados no canto. (ISHIGURO, 2005, p. 165)

A repetição e a cópia também se fazem presentes em episódios como os que se passam em Casario, um estabelecimento um pouco mais afastado das dependências de Hailsham, em que os alunos vivem sem projetos, sem aulas e sem compromissos, para conhecerem melhor uns aos outros, viajarem, estreitarem laços de amizade e terem experiências de uma vida casual. Sem obrigação diária, sobra mais tempo para que olhem para si mesmos e contemplem o futuro. Ao longo desses dias mais leves, há um acesso regrado, mas permitido à televisão, e ao assistir aos programas e filmes, muitos clones começam a imitar maneirismos e trejeitos que acabaram de ver, especialmente em suas relações românticas, como no trecho

Aliás, por falar nisso, algo que me chamou a atenção na atitude desses casais veteranos - e que Ruth, apesar de todo seu exame minucioso não viu - foi que boa parte dos maneirismos era copiada da televisão. Notei isso pela primeira vez observando Susie e Greg - talvez os dois alunos mais antigos do Casario e tidos, de forma geral, como o casal "encarregado" de tudo. Toda vez que Greg enveredava por um de seus discursos a respeito de Proust ou algo parecido, Susie repetia os mesmos gestos: sorria para todos nós, girava os olhos e articulava um "Deus nos acuda" muito enfaticamente com a boca, mas de forma quase inaudível. [...] Depois de ter notado isso, comecei a reparar em uma porção de outras pequenas atitudes que os casais veteranos tinham tirado dos programas de televisão: a forma de gesticular, o jeito de sentar num sofá, até mesmo o modo de discutir e de sair batendo portas. (ISHIGURO, 2005, p. 149-150)

Freud (apud SOARES, 2019) comenta que a repetição pode ser associada a coincidências ou superstições, que levam ao que ele chama de "onipotência de pensamento", diretamente ligada à "antiga concepção animista do universo". Dessa forma, os seres humanos retornariam a determinadas situações de suas vidas, como se tocassem em manifestações intrínsecas ao ser, estranhas em um primeiro momento, mas satisfatórias mais tarde. Os clones, então, repetem o que assistem na televisão como se as imagens acionassem uma memória que eles não sabem que têm, mas que os fazem concluir automaticamente posturas adequadas para serem repetidas, inerentes a qualquer ser humano.

Os exemplos aqui mostrados são as principais manifestações do duplo ao longo de *Não me abandone jamais*. Eles não determinam uma "lição de moral", como a proposta alimentada pela Literatura Vitoriana, porque hoje não há mais a necessidade obrigatória de incitar o medo por meio de narrativas que explicitem o estranho como

representação de consciência e de incômodo. Ainda assim, refletem no desenvolvimento dos personagens, em seus desconfortos e questionamentos, e suscitam no leitor a reflexão acerca da existência de um outro “eu”, não materialmente possível dentro de nossa realidade de forma efetiva, mas de forma metafórica, para mostrar que qualquer pessoa pode vir a externalizar seus impasses pessoais em algum momento também fora da ficção.

3. AS REPRESENTAÇÕES DO GÓTICO

A sociedade Vitoriana era considerada um tanto quanto moralista, rígida, e com valores ideológicos muito bem estabelecidos. Apesar de apresentar obras com críticas a essas questões e comentários sobre o rápido processo de industrialização da época, muitas narrativas Vitorianas ainda suscitavam o fantástico e o sobrenatural. Afinal, antes disso, ambos se fizeram presentes no século XVIII, com a constituição do gótico na literatura. À época, o interesse dos leitores não estava voltado para a moralidade ou para questões estéticas, mas no que havia de pior no ser humano, como a violência e a decadência:

Na Inglaterra do século XVII, essa atração pelo lado negativo da humanidade resultou em uma forma literária profundamente ligada ao seu conteúdo, que combinou uma visão de mundo desencantada a uma linguagem artística altamente estetizada, repleta de convenções e maneirismos, que procurou dar conta de uma perspectiva desiludida da realidade social, do futuro que o progresso científico nos reserva e, especialmente, da própria natureza do homem. Chamamos, portanto, de "gótica", a prosa ficcional que envolve o mistério e o terror, os ambientes lúgubres como castelos arruinados, passagens secretas, os fantasmas e entidades sobrenaturais, e que tematiza os medos mais profundos do ser humano". (FRANÇA E ARAÚJO, 2018, p. 63)

O gótico não se restringiu à literatura inglesa oitocentista, como também pontuam mesmos os autores. Na verdade, ele se manifesta com frequência em obras de ficção científica, como é o caso de *Não me abandone jamais*. Cartwright (2005, p. 5) afirma que um dos elementos em comum entre gótico e distopia, subgênero da ficção científica em que a obra de Ishiguro provavelmente melhor se encaixa, é a abordagem de problemas de cunho moral, psicológico e social, em especial quando envolvem o corpo humano, porque ambos os gêneros tratam de representações de monstros, duplos e obscuridades.

Para completar o raciocínio, Furtado (2011) resume duas classificações de subgêneros da ficção científica, o que também constrói sentidos de similaridade com o gótico. Segundo ele, com base nos estilos de obras de H.G. Wells e (1866-194) e Júlio Verne (1828-1905),

"... é possível ver a semente do que mais tarde seriam chamados os subgêneros *hard* (rígido) e *soft* (suave) dessa literatura. No primeiro, o autor se limita a utilizar a história apenas o que é considerado possível pela ciência da época ou extrapolações plausíveis. Verne seria um exemplo desse estilo. Em *20 mil léguas submarinas*, ele dá explicações detalhadas do funcionamento do submarino do capitão Nemo, o Nautilus. Já na *soft*, o fato científico pode ser usado como ponto de partida, mas a narrativa não está presa a ele e pode envolver temas das ciências sociais." (FURTADO, p. 24, 2011)

A partir dessa constatação, pode-se considerar que *Não me abandone jamais* se aproxima do gótico, conforme estabelecido por Cartwright, justamente por levantar questões de ciências sociais, e se encaixar, então, dentro do conceito de ficção científica *soft*. Ishiguro não explicita a discussão a respeito da ética na clonagem, mas ela está presente durante toda a obra, e faz com que o leitor reflita se os clones merecem mesmo sua função: viver, para depois morrer, ao salvar alguém, e sem ter autonomia sobre a escolha desse ciclo.

O autor também estabelece outros pontos sociais ao apresentar elementos distópicos ao longo da história. Hailsham oferece um tratamento humanizado a seus estudantes, mas ao mesmo tempo é uma prisão, e todos são vigiados de perto ainda que possam sair ou terem relacionamentos amorosos. Com isso, imagina-se um sistema totalitário e opressor, em que é preciso fazer o que está pré-determinado e não se pode sair do curso, e que as pequenas liberdades são apenas regalias para que o funcionamento dessa organização continue.

Para além do duplo, já explorado em maiores detalhes neste trabalho, e da classificação dentro da ficção científica para obra, outros elementos obscuros bastante recorrentes na literatura gótica são os grandes casarões, mansões, escolas e castelos, característicos da arquitetura Vitoriana. Hailsham é desenhada com uma estrutura bastante similar à de instituições Vitorianas, como Lowood, de *Jane Eyre* (1847), e o Pensionnat, de *Villette* (1853), ambos de Charlotte Brontë. Talvez, a principal diferença é que Hailsham não passe uma aura de angústia tão significativa como Lowood, por exemplo, em que Jane Eyre cresce acuada e em meio a diversos sofrimentos. No entanto, pode se dizer, sim, que em alguns aspectos, a escola transmite a sensação de aprisionamento e coação, em especial pela postura dos guardiões, rígidos e moralistas, como descreve Kathy

Desconfio que foi porque mesmo na idade em que estávamos - tínhamos uns nove ou dez anos - já conhecíamos o suficiente sobre o território

todo para desconfiar pouco. É muito difícil, agora, lembrar quanto sabíamos na época. Com certeza sabíamos - ainda que não com grande profundidade - que éramos diferentes dos nossos guardiões, assim como das pessoas normais que viviam fora de Hailsham; talvez até soubéssemos que, muito mais à frente, haveria doações a nossa espera. Mas não sabíamos de fato o que isso significava. Se fazíamos questão de evitar certos assuntos, devia ser muito mais porque nos sentíamos constrangidos com eles. Detestávamos o jeito como nossos guardiões, em geral tão seguros de tudo, sempre no controle das coisas, ficavam cheios de dedos quando nos aproximávamos desse terreno. Ficávamos perturbados ao vê-los mudar de atitude de forma tão óbvia. (ISHIGURO, 2005, p. 89)

Kathy ainda apresenta lendas obscuras a respeito da mata nos arredores de Hailsham, com um conjunto de recursos que colabora para construir a atmosfera hostil da instituição, que nem todo mundo consegue enxergar. Assim como na Literatura Vitoriana e gótica, as histórias apresentam metáforas, lições de moral, presença de fantasmas e medo, como na citação

Havia os mais variados tipos de histórias horripilantes sobre a mata. Uma vez, pouco tempo antes de todos nós chegarmos a Hailsham, depois de um tremendo arranca-rabo com os amiguinhos, um menino fugira de lá. O corpo dele fora encontrado amarrado a uma árvore, com as mãos e os pés decepados. Segundo outros rumores, o fantasma de uma menina vagava por entre as árvores. Ela tinha sido aluna de Hailsham, até que um belo dia resolvera escalar a cerca só para ver como era do lado de lá. Isso acontecera muito antes do nosso tempo, numa época em que os guardiões eram bem mais severos, até mesmo cruéis, e quando ela tentara voltar, não deixaram. A menina então passara a rondar a cerca, implorando para que a deixassem voltar, só que ninguém permitiu. No fim, acabou indo para algum lugar, aconteceu alguma coisa, e ela morreu. Mas seu fantasma continuou vagando pela mata, olhando comprido para Hailsham, morrendo de vontade de voltar. (ISHIGURO, 2005, p. 66-67)

Vale a pena ressaltar, porém, que os alunos não se abalam com essas histórias. A intenção é causar medo e intimidá-los a sair, o que não acontece. Eles continuam a circular livres e saem de Hailsham quando bem entendem: o efeito dessas histórias talvez se dê no retorno dos alunos, que sempre voltam para o internato, por até mesmo não terem a certeza da sobrevivência e das necessidades atendidas do lado de fora.

Retomando agora a aproximação com as obras Vitorianas de Brontë e os personagens de seus institutos, os alunos clones de Ishiguro também produzem obras de arte que são cooptadas por seus mestres institucionais como uma tradução da essência de suas almas. Tais produções artísticas podem ser vistas como um símbolo da inocência, algo que impede Kathy de ser o que ela realmente é. Em muitas obras góticas e Vitorianas,

a perda da inocência é um marco para a mudança de postura de um personagem, que natural ou forçosamente se “endurece” para a vida.

No caso de Kathy, Ruth e Tommy, a produção artística até então acontecia como qualquer outra atividade dentro de Hailsham. Não era questionada, mas também não era considerada como um momento valioso ou significativo. Mais tarde na história é que o leitor descobre que a arte era feita para estimular a humanidade dos clones, e que, para eles, o significado era ainda maior, como quando Tommy pensa que a comparação das obras de arte pode determinar ou não se um casal está apaixonado e falando a verdade sobre seus sentimentos: "Seria difícil julgar e provavelmente é impossível acertar todas as vezes. Mas seja quem for que decide, Madame ou outra pessoa qualquer, o fato é que ela precisa de algo em que se basear" (ISHIGURO, 2005, p. 215).

Depois, Tommy e Kathy descobrem que as produções artísticas nada mais eram do que uma tentativa de provar a humanidade e a sensibilidade dos clones. Entretanto, a ação serviu apenas para trazer mais medo para a população, que pensava que em algum momento eles teriam as emoções tão aprimoradas, que poderiam superar os humanos. Por isso, Hailsham acaba fechada e os clones colocados exclusivamente na função de doação de órgãos.

Assim são feitas algumas das possíveis associações entre Vitorianismo, gótico e ficção científica em *Não me abandone jamais*. Há espaço para mais discussões, mas estes são elementos palpáveis que possibilitam uma análise inicial de como as relações entre épocas e gêneros se constituem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ficção da Era Vitoriana contém muitos elementos que ainda suscitam o imaginário contemporâneo, como é possível ver em *Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro. É ao longo dos anos 1840 e suas décadas seguintes que as transformações econômicas e estruturais da Inglaterra ocorridas no reinado da Rainha Vitória contribuem para que críticas sociais começassem a, finalmente, marcarem presença em obras artísticas e literárias.

Tal iniciativa se fez presente até hoje em gêneros literários que tiveram suas raízes à época ou um pouco antes, por exemplo, a ficção científica, com *Frankenstein: ou O Prometeu Moderno (1918)*, de Mary Shelley, considerada a obra que inaugurou o gênero. Furtado (2011) inclusive propõe observações importantes sobre a ficção científica por meio dessa obra: a proposta é prever os avanços de amanhã, discutir os problemas atuais, ou lançar um olhar sobre o futuro, com inspiração na ciência? Todas as possibilidades são aceitáveis.

Quando se trata da obra de Ishiguro, é possível avaliar as três. Na medida em que se utiliza de referências Vitorianas que alocam o passado no presente, o autor menciona um processo científico em corrente estudo, a clonagem, quais são suas consequências, e trabalha com questionamentos sociais ainda atuais, que vão desde o tratamento dos clones à função para a qual foram criados.

Portanto, duplo, gótico e seus desdobramentos em *Não me abandone jamais*, elementos escolhidos para a análise deste trabalho, são usados não para realizar uma comparação, mas para estabelecer uma sensação de continuidade nas manifestações literárias de ontem e hoje. Em termos de avanços tecnológicos, é inegável que o cenário está bastante diferente atualmente, mas em relação a contextos sociais, muitos questionamentos permanecem os mesmos, porque simplesmente são inerentes ao ser humano.

5. REFERÊNCIAS

CARTWRIGHT, Amy (2005). **The Future is Gothic: Elements of Gothic in Dystopian Novels**. (Tese - Doutorado). Universidade de Warwick.

FRANÇA, Júlio. ARAÚJO, Ana Paula (org). **As artes do mal**. Rio de Janeiro: Bonecker, 2018.

FURTADO, Fred. **A ciência como inspiração**. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, v. 47, n. 279, p. 23-29, mar. 2011.

ISHIGURO, Kazuo. **Não me abandone jamais**. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTANA, Luciana Wolff Apolloni. **Perspectivas da era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX.** Revista Diálogos Mediterrânicos. Paraná, n. 10, p. 190-215, jun. 2016.

SOARES, Lenice Alves. **Das Unheimliche ou "O Estranho".** Abusões, Rio de Janeiro, v. 10, ano 05, p. 9-39, jul. 2019.